



PRA FAZER A DIFERENÇA

Seu plano de ação para atuar em causas
socioambientais ao redor do mundo

LUCAS PONDACO BONANNO



ALTA BOOKS
E D I T O R A

Rio de Janeiro, 2021

Sumário

APRESENTAÇÃO	xi
PREFÁCIO	xiii
INTRODUÇÃO	I
1. É possível ganhar dinheiro com projetos sociais?	7
2. Construir um mundo melhor: seria esse o segredo da realização profissional?	25
3. O que move as pessoas a trabalhar com causas sociais?	47
4. Fazer a diferença requer formação e preparação	69
5. Como escolher uma causa que combina comigo?	83
6. Para onde ir: os destinos que mais precisam de ajuda humanitária	97
7. Em qual instituição trabalhar?	117
8. Qual é o perfil de profissional procurado pelas organizações humanitárias?	139
9. O que você precisa saber para trabalhar e viver bem no exterior?	149
10. Respeito, paciência e persistência	169
11. Deixando um legado e partindo para outro projeto	189
12. Como se readaptar após viver uma experiência no exterior?	203
13. Aproveitando os aprendizados adquiridos	213
14. Como começar a fazer a diferença já?	229
ÍNDICE	233

CAPÍTULO I

É possível ganhar dinheiro com projetos sociais?



**— Lucas, preciso falar com você amanhã cedo.
Chegue um pouco antes ao escritório.**

Era um fim de tarde de setembro de 2006 quando recebi essa mensagem de texto, via celular, da minha chefe na época, a jornalista Roseli Tardelli, editora-executiva da Agência de Notícias da Aids.¹ Há vários anos trabalhando com ela, eu sabia que conversas marcadas quase sempre eram

¹ Agência de Notícias da Aids. Disponível em: <<https://www.agenciaaids.com.br>>.

importantes. No momento em que li a mensagem, estava chegando em casa e corri para o computador. Acessei a internet e fui à página da agência para ver se encontrava alguma notícia bombástica. Abri também o e-mail para ver se havia indicativos sobre o motivo daquela conversa, mas não encontrei nada.

Apreensivo para descobrir as razões daquela reunião, fiquei ansioso e até um pouco tenso. Lembro-me de que não dormi muito bem naquela noite, mas acordei cedo e cheguei na agência no horário combinado com Roseli. Com alguns minutos de atraso, ela me ligou e disse para nos encontrarmos em um café na entrada principal do Conjunto Nacional — famoso condomínio na Avenida Paulista, em São Paulo, e onde está sediada a Agência Aids. Ao encontrar Roseli, ela foi direto ao ponto:

— Fui convidada para fazer um trabalho na África, mas não posso ir. Estou pensando em te indicar e acho que você deve ir!

A maioria das propostas e pedidos da Roseli tem esse tom um pouco imperativo, mas quem a conhece sabe que quase sempre vale a pena aceitar. Devido à aproximação do 1º de dezembro, Dia Mundial de Luta contra a Aids, ela estava mais atarefada do que o normal e me explicou que não poderia largar seus projetos em andamento e passar um tempo fora do Brasil.

No dia anterior a nossa conversa, Roseli havia sido convidada para prestar uma consultoria para o IRIN (*Integrated Regional Information Network*²), um serviço de comunicação que até 2015 estava ligado ao Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA).³ Com financiamento da Agência Sueca de Cooperação para o Desenvolvimento Internacional, o IRIN, sediado em Nairóbi, no Quênia, também havia acabado de criar um canal de notícias na internet especializado em aids, o PlusNews, cujo escritório central ficava em Joanesburgo, na África do Sul.

² The New Humanitarian. Disponível em: <<https://www.thenewhumanitarian.org>>.

³ Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários. Disponível em: <<https://www.unocha.org>>.

Eles estavam procurando um jornalista que falasse inglês e português e que entendesse sobre aids, pois tinham acabado de criar uma editoria apenas sobre a África lusófona, ou seja, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe (a partir de julho de 2010, Guiné Equatorial também estabeleceu o português como uma de suas línguas oficiais). A proposta exigia passar três meses morando em Joanesburgo para produzir reportagens e editar textos enviados por jornalistas das ex-colônias portuguesas na África.

Sem precisar refletir muito, aceitei o convite na hora. Embora financeiramente não fosse tão interessante, pois o pagamento da consultoria não incluía os gastos com as passagens internacionais, nem com hospedagem e alimentação na África do Sul, o que fazia com que o valor a ser recebido se tornasse quase igual àquele a ser gasto por lá, fiz jus ao famoso ditado popular que diz que “sonho não tem preço”. Nesse convite em particular, se travava da realização de três sonhos de uma única vez. Aos 26 anos de idade, eu estava tendo a oportunidade de conhecer a África, trabalhar para a ONU e enriquecer meu currículo como jornalista especializado em temas sociais.

A Agência Aids foi meu primeiro trabalho na área social. Antes de ingressar nesse setor, estagiei alguns meses para o portal iG, fui produtor em um estúdio de dublagem e professor de teatro em uma escola infantil, mas foi na Agência que iniciei minha carreira como jornalista especializado em causas humanitárias.

Discussões sobre direitos humanos e exemplos de solidariedade, no entanto, sempre fizeram parte da minha vida. Meu pai, falecido em 1996 com apenas 39 anos de idade em decorrência de um acidente vascular cerebral (AVC), coordenou por quase 10 anos um projeto assistencial na Zona Norte de São Paulo. Em uma casa onde funcionava um centro espírita, ele, minha mãe e diversos amigos recebiam dezenas de crianças de uma favela próxima, localizada na Avenida Zaki Narchi, no bairro do Carandiru, e ofereciam a elas, além de afeto e carinho, alimentação, aulas de música, reforço escolar, consultas médicas, psicológicas e odontológicas.

Minha mãe, desde que eu me lembro, sempre esteve envolvida em trabalhos voluntários. Recordo-me bem das várias tardes em que ela ia ajudar a dar banho e comida para pessoas com paralisia cerebral no abrigo Fraternidade Irmã Clara (FIC)⁴ ou quando recebia, em nosso pequeno apartamento, diaristas e funcionárias do lar para aulas de alfabetização. “É especial ver adultos aprendendo a ler e a escrever. Muitos deles já chegam com uma boa bagagem e só precisam de um pouco de orientação e prática”, dizia ela, que é formada em Pedagogia e se aposentou como professora do Ensino Fundamental na rede pública estadual.

Foi com minha mãe que aprendi um conceito muito importante e que tenho carregado sempre comigo, que é a premissa de que, se estou certo não devo desistir, mas sim reivindicar meus direitos. Confesso que em diversos momentos não obtive tanto sucesso com esse princípio, ainda mais com o avanço da intolerância nos últimos anos, mas jamais o abandonarei e pretendo continuar passando-o para outras pessoas.

Meus tios paternos também foram bem influentes na minha formação sociocultural. Desde criança, raramente eles me presenteavam com brinquedos e outros objetos da moda. Arminhas ou espadinhas de plástico, nem pensar. As surpresas que vinham escondidas nas embalagens de papel quase sempre eram livros ou vales-convite para teatro, museu ou orquestra.

Em 1989, quando eu tinha 8 anos de idade, eles me levaram para um importante comício político em frente ao Estádio do Pacaembu. Tal evento, que reuniu diversas personalidades e lideranças pela luta pelos direitos humanos, além da presença de milhares de pessoas, foi a primeira vez que senti o quão contagiante é unir-se em massa para um propósito social. Naquela época, eu nem imaginava que me tornaria um grande interessado em causas sociais, mas hoje consigo perceber o quanto tudo aquilo foi fundamental em minha educação.

⁴ Fraternidade Irmã Clara. Disponível em: <<https://www.ficfeliz.org.br>>.

Ações sociais como profissão

O Jornalismo e a Agência Aids, com certeza, tiveram papéis de destaque nesse meu processo de escolha para a área social, mas minha inquietação com relação às desigualdades surgiu bem antes, provavelmente na adolescência, quando comecei a estudar Teatro. Apresentações e leituras de peças de autores como Augusto Boal, Oduvaldo Vianna Filho e Bertolt Brecht despertavam dentro de mim a vontade de fazer algo que pudesse ajudar a enfrentar as injustiças sociais.

Durante vários anos, acreditei que meu principal trabalho na área social viria por meio das artes cênicas, mas buscando outras opções de carreira, acabei me encantando também pela arte da notícia. Recordo-me bem de um dia, quando ainda estava definindo qual curso escolheria para prestar o vestibular e me deparei com a seguinte frase do escritor George Orwell, nascido em 1903 na então Índia Britânica: “Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade.”

Não sei o quanto frases fortes podem influenciar a tomada de decisões, mas me lembro de que, depois desse dia, passei a ter quase a certeza de que queria estudar Jornalismo. Não foi nada fácil fazer essa escolha. Cheguei até a realizar um teste vocacional, que me sugeriu ainda cursos como Direito, Geografia e História, mas como gostava de escrever, acabei optando mesmo pela profissão que me daria a possibilidade de publicizar grandes injustiças.

Em 2004, já como repórter da Agência Aids, produzi um texto com base em um comunicado da organização humanitária Médicos Sem Fronteiras (MSF)⁵ que criticava a política de prevenção ao HIV defendida pelo então presidente norte-americano George W. Bush. Eleito pelo Partido Republicano, Bush defendia como princípio das ações contra a aids, apoiadas pelo governo dos Estados Unidos ao redor do mundo, uma política conhecida como ABC

⁵ Médicos Sem Fronteiras. Disponível em: <<https://www.msf.org.br>>.

(*Abstinence, Be faithful and use Condom*), que pregava a abstinência sexual, a fidelidade e, apenas em último caso, o uso da camisinha.

Antes de publicar essa notícia, fui atrás de ouvir o outro lado. Liguei para a Embaixada dos Estados Unidos, em Brasília, e perguntei como eles gostariam de responder àquela crítica da MSF. Na época, a Agência Aids recebia um patrocínio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID, na sigla em inglês),⁶ que não gostou de termos dado visibilidade para o assunto. Meu contato com eles rendeu uma grande confusão, com algumas idas da Roseli a Brasília para discutir o problema, e meses depois acabou provocando a interrupção do apoio financeiro que recebíamos da USAID.

Se por um lado essa decisão da agência norte-americana acabou deixando a Agência Aids em uma situação financeira delicada por alguns meses, por outro, foi um grande exemplo para mim sobre qual deveria ser sempre a missão do jornalismo.

A Agência Aids, cuja criação detalharei mais adiante, surgiu com um propósito social, de independência editorial, e sempre foi assim. “Somos reféns de uma causa, e não do apoio financeiro dos anunciantes. Se tivermos que tomar posição, nosso lado será o das pessoas vivendo com HIV e aids”, afirmava Roseli durante todo o processo de desentendimento gerado com a USAID.

Ao manter seu compromisso com a informação, ela demonstrara a todos os funcionários, colaboradores e leitores da Agência Aids que as notícias nunca devem ser vistas como mercadorias, mas sim como um meio de mostrar a realidade, mesmo que isso desagrade até os interesses dos patrocinadores.

Nesse meu primeiro emprego como jornalista, além de vivenciar bem a prática da profissão, passei a entender melhor o que eram os projetos com finalidades sociais, para que servissem e quais as diferenças entre eles. De forma bem objetiva, os projetos sociais podem ser definidos como iniciativas que

⁶ United States Agency For International Development. Disponível em: <<https://www.usaid.gov>>.

visam proporcionar a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Gosto de pensar nesse conceito desmembrando suas palavras.

Ou seja, segundo o dicionário de Aurélio Buarque de Holanda,⁷ “projetar” significa atirar longe, arremessar. Portanto, trata-se de algo que pode ser lançado para a frente ou para o futuro. E “social” se refere ao que é próprio da sociedade. Assim, podemos definir os projetos sociais também como ações que visam o futuro das sociedades.

Os projetos sociais geralmente surgem do desejo de mudar uma realidade. Eles podem ser criados por indivíduos, grupos de pessoas, governo, empresas, universidades, organizações religiosas ou por qualquer outro tipo de instituição. A Agência Aids nasceu a partir da vontade da Roseli de contribuir com o enfrentamento dessa doença. Trata-se de uma iniciativa individual e privada com fins sociais.

Para a produção deste livro, tentei pesquisar de várias formas algum número que indicasse a quantidade de projetos sociais existentes no Brasil, mas não foi possível. É que tal atividade se dá muitas vezes de forma informal ou até mesmo sem continuidade, como as ações solidárias feitas por grupos de amigos nas ruas, pelas igrejas, associações comunitárias etc.

Aquele trabalho que meus pais faziam para as crianças da Favela Zaki Narchi era um projeto social, assim como os programas governamentais Bolsa Família; Criança Feliz; Minha Casa, Minha Vida; e o Programa Nacional de Incentivo ao Voluntariado. Os projetos sociais também envolvem as ações das Organizações Não Governamentais (ONGs), das Nações Unidas, das organizações humanitárias etc. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha, por exemplo, desenvolve centenas de projetos sociais em mais de noventa países.⁸

⁷ FERREIRA, A. B. H. *Míni Aurélio — O dicionário da língua portuguesa*. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2008.

⁸ Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Disponível em: <<https://www.icrc.org/pt>>.

O crescimento do terceiro setor no Brasil

Ao pesquisar sobre projetos sociais, descobri que a ajuda ao próximo como prática institucional e em grupo tem fortes laços com a religião. Na maioria dos países ocidentais, a Igreja tem grande participação nesse sentido, orientando durante séculos a conduta moral de seus fiéis nos preceitos bíblicos da caridade. No Brasil, essas práticas intensificam-se a partir do século XVIII, mas estavam quase sempre associadas a ações isoladas e de caráter voluntário. Apenas com o fim do Império, período em que o Brasil foi governado pelos monarcas D. Pedro I e D. Pedro II, e a chegada da República, no final do século XIX, é que começou a ser fortalecida no país a presença do Estado no campo da assistência social.⁹

Outros momentos marcantes para a história das ações sociais no Brasil, estes bem mais recentes, foram a Constituição de 1988, que passou a tratar dos objetivos da assistência social, isentando de vários impostos as entidades beneficentes e filantrópicas; e a regulamentação das Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) por intermédio de uma lei federal em 1999. Com essa regulamentação, o terceiro setor passou a ter grande participação no desenvolvimento de projetos sociais.

O **terceiro setor**, termo que usarei com frequência neste livro, refere-se às instituições sem fins lucrativos e que prestam serviços de caráter público sem vínculo com o governo, como as fundações e as Organizações da Sociedade Civil (OSCs), também chamadas de Organizações Não Governamentais (ONGs). No Brasil e no restante do mundo capitalista, a sociedade recebe apoio de três diferentes setores: o primeiro setor, que é o poder público, ou seja, o governo; o segundo setor, que são as empresas que geram lucro; e o

⁹ SANGULARD, Gisele. Filantropia e assistencialismo no Brasil. Hist. cienc. saúde — Manguinhos, Rio de Janeiro, set./dez., 2003, vol. 10, n. 3. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702003000300017&script=sci_arttext>.

terceiro setor, que são as ONGs e OSCs. Na prática, o terceiro setor executa ações que o primeiro setor deveria estar realizando.

De acordo com o Mapa das Organizações da Sociedade Civil,¹⁰ documento produzido pelo Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (IPEA) e atualizado com frequência, estavam registradas no Brasil, em agosto de 2021, aproximadamente 816 mil OSCs. A maioria delas (47%) atuava na área de desenvolvimento social e defesa de direitos, seguida por ações de caráter religioso (20%) e de educação e cultura (12%).

Em 2017, o Brasil registrava aproximadamente de 7,4 milhões de pessoas atuando de alguma forma em trabalhos voluntários, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).¹¹ Isso significa que 1 em cada 23 brasileiros, aproximadamente, dedicava parte do seu tempo e conhecimento em iniciativas sociais sem qualquer tipo de recebimento financeiro.

O **trabalho voluntário** refere-se justamente a atividades não remuneradas que têm objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social para instituições sem fins lucrativos. Muitas pessoas que realizam trabalho voluntário recebem ajuda de custo para pagar suas despesas, mas tal pagamento deve ser mesmo para essa finalidade.

Em diversos casos, principalmente quando envolvem estadias no exterior — atividade que ficou conhecida também como **voluntarismo** —, a pessoa pode até ter que arcar com alguns gastos. Isso acontece porque vários programas precisam de ajuda e não têm nem condições de custear totalmente a acomodação e alimentação dos voluntários.

O voluntariado ou voluntarismo, no entanto, é apenas uma das várias possibilidades de atuação em projetos sociais. Na Agência Aids, embora eu tenha participado de várias ações de forma voluntária, sempre recebi salário.

¹⁰ Mapa das Organizações da Sociedade Civil — IPEA. Disponível em: <<https://mapaosc.ipea.gov.br>>.

¹¹ IBGE. *Pesquisa Outras Formas de Trabalho* — 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101560_informativo.pdf>.

O mesmo ocorreu nos diversos projetos em que estive envolvido na África do Sul e em Moçambique, onde recebia em dólares como consultor da ONU. Apesar de meu salário ser menor que o da maioria dos brasileiros que lá estavam para trabalhar em diferentes áreas da engenharia ou com a exploração de recursos naturais, por exemplo, era maior do que se costuma pagar a jornalistas experientes e especializados no Brasil até hoje.

Ainda segundo o Mapa das Organizações da Sociedade Civil, aproximadamente 2,3 milhões de brasileiros tinham vínculos formais de trabalho com OSC em 2018. O portal [salario.com.br](https://www.salario.com.br),¹² que divulga periodicamente dados do mercado de trabalho brasileiro com base em dados da Secretaria da Previdência e Trabalho do Ministério da Economia, informou que, em junho de 2021, os ganhos médios salariais de um diretor de ONG eram de R\$8.193,50 mensais para uma carga de trabalho semanal de 41 horas.

Os valores dos salários no terceiro setor podem variar bastante, levando em conta fatores como formação e experiência de cada profissional e condições econômicas da instituição envolvida. Associações comunitárias e ONGs com atuação apenas no Brasil tendem a pagar menos do que os projetos de responsabilidade social vinculados às grandes empresas.

Hoje, segundo sites que divulgam vagas no setor e em uma sondagem que fiz com amigos e conhecidos que trabalham na área, diretores executivos chegam a ganhar mais de R\$30 mil por mês no Brasil trabalhando para o terceiro setor, enquanto que gerentes e analistas de projetos, por exemplo, ganham por volta de R\$15 mil e R\$8 mil, respectivamente.

Nas Nações Unidas, os salários de profissionais que estão iniciando variam de aproximadamente US\$3 mil a US\$6,6 mil por mês, dependendo do cargo e da quantidade de dependentes da pessoa contratada. Entre aqueles que já estão no sistema ONU há mais de 5 anos, por exemplo, os salários fi-

¹² Diretor de ONG (Organização Não Governamental) — Salário 2020 e Mercado de Trabalho. *Salário*, 2020. Disponível em: <<https://www.salario.com.br/profissao/diretor-de-ong-organizacao-nao-governamental-cbo-131105/>>.

cam por volta de US\$5,6 mil a US\$8,8 mil por mês; e para aqueles com mais de 10 anos na instituição, entre US\$9,9 mil e US\$10,3 mil.¹³

Além de bons salários, os contratados da ONU costumam receber subsídios para pagamento de aluguel no exterior, bolsas de estudos para os filhos e custeamento das despesas de viagem e mudanças de um país para o outro enquanto estiverem na instituição.

Fora do sistema ONU, os valores também variam bastante, sendo que empresas de negócio social tendem a pagar mais do que organizações humanitárias, que, por sua vez, tendem a pagar mais que associações comunitárias com atuação apenas local. Em 2009, quando assinei meu último contrato como consultor da ONU em Moçambique, eu recebia US\$3,5 mil mensais, já com todos os impostos descontados. Hoje, amigos que ocupam cargos parecidos com o meu, de gerenciamento de projetos, ganham entre US\$4 mil e US\$4,5 mil e diretores de organizações têm ganhos que ultrapassam os US\$10 mil por mês.

Em 2007, quando analisou a importância do terceiro setor na economia brasileira, o IBGE observou uma participação oficial de 1,4% das OSCs na formação do Produto Interno Bruto (PIB), o que representava aproximadamente R\$32 bilhões — valor bastante superior às despesas com pessoal no estado de São Paulo, por exemplo.

A Prime Talent, consultoria de seleção e treinamento de profissionais sediada em São Paulo, também realizou um estudo sobre o terceiro setor.¹⁴ Nessa pesquisa, desenvolvida entre 2016 e 2017, foram entrevistados 50 profissionais remunerados e voluntários, entre eles gerentes, diretores e presidentes, que atuavam tanto na iniciativa privada quanto em OSCs, e uma das princi-

¹³ Pay and Benefits. *United Nations*, 2020. Disponível em: <<https://careers.un.org/lbw/home.aspx?viewtype=SAL>>.

¹⁴ BRAGA, David. *Terceiro Setor — Particularidades, desafios, oportunidades, empregabilidade e tendências*. [S.l.] Prime Talent. Disponível em: <<http://primetalentbrasil.com.br/novo/wp-content/uploads/2018/05/Prime-Talent-Pesquisa-Terceiro-Setor.pdf>>.

país constatações foi a de que o terceiro setor será uma importante fonte de empregos nas próximas décadas.

Isso deve ocorrer principalmente por conta dos estímulos referentes à Agenda 2030, antes conhecida como Agenda de Desenvolvimento Sustentável. Esse compromisso político assinado por vários países, incluindo o Brasil, traça 17 objetivos práticos e claros para o desenvolvimento sustentável do planeta e 169 metas para erradicar a pobreza no mundo.¹⁵

Diante de todos esses números, o que eu gostaria de destacar é que o terceiro setor pode, sim, ser uma ótima oportunidade profissional se você deseja trabalhar na área social e não abre mão de construir uma carreira sólida e receber salários equivalentes aos do mercado em geral. Além disso, trata-se de uma excelente alternativa para quem quer contribuir diretamente com a diminuição da desigualdade econômica no Brasil e no mundo.

Negócios de impacto social

O relatório *A distância que nos une*,¹⁶ divulgado pela organização internacional Oxfam, demonstrou que as 63 pessoas mais ricas do mundo concentravam, em 2017, a mesma riqueza que as 3,5 bilhões de pessoas mais pobres do planeta. Você consegue imaginar o que é isso? No Brasil, esse cenário, infelizmente, não é muito diferente. Apenas 6 brasileiros têm a riqueza equivalente ao patrimônio dos 100 milhões de brasileiros mais pobres. Se somarmos a riqueza total da população do país, os 5% mais ricos têm o equivalente aos outros 95%.

¹⁵ Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. Nações Unidas. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>.

¹⁶ GOMES, Rafael, MAIA, Katia. *A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras*. Oxfam Brasil. São Paulo: Brief Comunicação, 2017. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/a-distancia-que-nos-une/?gclid=Cj0KCQjwp4j6BRCRARIsAGq4y-MEVDbdHlDgin7lJfUR7Ks4N48wDueV-cZk55e-FrdPgr7PMXYrwu2EaAv68EALw_wcB>.

Embora esses dados sejam bem desanimadores, é fundamental termos em mente que é possível, sim, ganhar dinheiro trabalhando ou investindo em projetos sociais. Há alguns anos, eu já tinha essa percepção, mas passei a ter certeza após assistir em 2017 o documentário *Um novo capitalismo*, dirigido por Henry Grazinoli e idealizado por Antônio Ermírio de Moraes Neto, que, como revela seu nome, é neto do falecido Antônio Ermírio de Moraes, ex-presidente do Grupo Votorantim e que já foi considerado um dos homens mais ricos do mundo.

Seguindo os caminhos do avô, Moraes Neto decidiu que se tornaria um empreendedor, mas passou a pensar em possibilidades que gerassem impactos sociais positivos. “Qual legado a gente quer deixar para o mundo? Que tipo de sociedade a gente quer construir para ser mais sustentável e mais inclusiva?”, pergunta o empresário ao defender essas ideias.

Formado em Administração Pública pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) com especializações na Universidade da Califórnia e no Babson College, nos Estados Unidos, Moraes Neto criou, em 2009, com Kelly Michel e Daniel Izzo, a Vox Capital.¹⁷ Sediada em São Paulo, essa é uma das primeiras e principais gestoras de investimentos de **impacto social** do Brasil. Apoia financeiramente negócios que criam soluções para os problemas da população de baixa renda e tem conseguido obter um retorno de aproximadamente 26% ao ano.

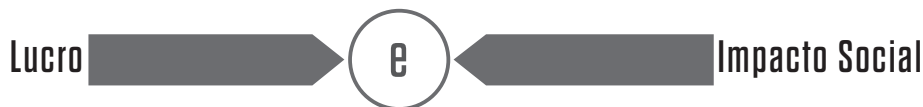
A maneira mais fácil de entendermos esse modelo de negócio é sabermos que ele tem dois objetivos que não se contrapõem: retorno financeiro e impacto social. No modelo de negócio tradicional, as instituições visam basicamente um ou outro objetivo, mas a Vox Capital, por meio das empresas em que escolhe investir, mostra que é possível obter os dois. “A gente compra uma parte dessas empresas, cerca de 20% a 30%, quando elas ainda são pequenas, e anos depois, quando elas deslancham e começam a valer muito mais, nós vendemos essa parte e ficamos com o lucro”, explica Daniel.

¹⁷ Vox Capital. Disponível em: <<https://www.voxcapital.com.br/>>

Modelo de Negócios tradicional



Modelo de Negócios social



Nascido na cidade de São Paulo em 1976, Daniel também se formou na FGV, mas em Administração de Empresas, e fez MBA na HEC Montreal — conhecida em francês como *École des Hautes Études Commerciales de Montréal*. Com uma carreira de dar inveja a muitos executivos, Daniel conta que, no início de 2007, se viu diante de uma grande crise pessoal. “Parou de fazer sentido para mim trabalhar simplesmente para gerar mais receitas e lucros para os acionistas”, diz.

Ao lado do prédio onde fica a representação no Brasil da farmacêutica norte-americana onde Daniel trabalhava, na Zona Sul de São Paulo, ele cruzava frequentemente com crianças em situação de rua, travestis e outras pessoas em condições de grande vulnerabilidade social, e começou a se incomodar profundamente. “Esse cenário divergia completamente das cifras milionárias que eu discutia diariamente ali ao lado”, lembra.

Inquieto, Daniel chegou à conclusão de que precisava fazer algo urgente para ajudar a mudar aquela enorme desigualdade. Era uma sexta-feira, ele foi para casa com isso na cabeça e passou a ler sobre sustentabilidade, tema que acabou lhe causando interesse por todo o final de semana.

Na segunda-feira, voltou ao escritório e deixou claro aos seus diretores que queria atuar em alguma ação social e que estava disposto a abandonar a promissora carreira que tinha na multinacional, mas, para sua surpresa, acabou conseguindo isso na própria empresa. Na época, a presidência da far-

macêutica estava interessada em ter uma iniciativa social e o realocou para a condução de um projeto que, em parceria com o Centro de Promoção da Saúde (Cedaps),¹⁸ tinha por objetivo ajudar mulheres que viviam em comunidades carentes do Rio de Janeiro.

Essa ação envolvia a criação e distribuição de materiais informativos sobre saúde e a venda de produtos da empresa na região. Parte da renda obtida era destinada a uma associação criada por essas mulheres. Durante quase dois anos, o trabalho social desenvolvido no Rio de Janeiro acalmou Daniel, mas depois também deixou de fazer sentido. “Era pequeno e não tinha o verdadeiro impacto que eu estava procurando”, comenta.

Sua insatisfação, na verdade, não tinha a ver especificamente com a atuação da empresa em que ele trabalhava, muito menos com o produto que ele representava, já que coordenava as vendas de protetores solares, mas sim com o modelo de negócio adotado pelo capitalismo tradicional.

Em fevereiro de 2009, Daniel acabou pedindo demissão da farmacêutica. Passou a pesquisar mais a fundo as possibilidades profissionais na área social e se aproximou do empresário Henrique Bussacos, fundador no Brasil do Impact Hub, uma organização que oferece espaço de trabalho colaborativo (*coworking*) para pessoas interessadas em promover projetos sociais e ajuda a conectá-las com empreendedores de todo o mundo.

Um dia, durante conversa com Henrique, Daniel conta que percebeu no empresário o interesse em investir em projetos sociais, mas que visassem também o lucro, ou seja, que não fosse uma ONG. “O Henrique falou sobre a importância dessa iniciativa ter profissionais de alto nível em todas as áreas: comercial, marketing, operações... Mas que ele não tinha nome, dinheiro, nem tamanho para atrair essas pessoas”, lembra. “Foi então que meu deu um *start*. Se ele, que era um empresário influente, tinha essa necessidade, prova-

¹⁸ Centro de Promoção da Saúde. Disponível em: <<https://cedaps.org.br/>>